

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 6 DE MARÇO DE 1998

Bom, eu queria aproveitar este encontro, que desejo que seja o mais informal possível – na Presidência da República tudo é muito formal, por que não tem outro jeito, mas eu não sou formal –, para agradecer a presença de todos, do Ministro, do Doutor Werthein, representante da Unesco, do Doutor Faria, que é meu assessor, da Doutora Esther Grossi, do Professor Caon e principalmente das senhoras que aqui estão.

Acho que não preciso falar coisa muito complicada nem muito tempo, porque vocês já disseram o principal. O que é mais importante está dito.

Acredito que, se nós quisermos um Brasil melhor, teremos que ter, em primeiro lugar, generalização da educação: todo mundo não só saber ler e escrever, mas saber pensar. De modo que é muito bem lembrada a idéia do pensador. Não sei se sabem, mas a escultura típica da Angola chama-se O Pensador – não sei se já vi lá alguma figura de mulher, a Ruth sabe, acho que tem de mulher também; é exatamente isso. Lá não é inspirado em Rodin, que provavelmente as tribos não conheciam, mas é muito interessante essa imagem do pensador negro, que está lá também, em Angola. Acho que isso simboliza muito o que nós queremos neste Brasil. E principalmente para vocês, que têm essa

experiência – sobretudo, as pessoas que são mais velhas –, que é uma experiência radiosa, de poder ler e poder escrever. É alguma coisa que significa um novo nascimento. É uma espécie de batismo novo: a pessoa está nascendo para um outro mundo.

Sei que no Brasil são as mulheres, sobretudo as mulheres das grandes cidades, que hoje têm uma dificuldade imensa, porque sustentam família, não têm emprego, ou o salário é baixo, e não têm educação formal – para não pensar, também, nas mulheres do campo, lá do Nordeste, onde a situação é terrível, desastrosa. Nós temos feito o possível para começar a mudar isso.

Se há alguma coisa que me deixa contente é que nós jogamos um esforço grande na educação primária, porque é a base de um Brasil, primeiro, democrático, com mais cidadania; segundo, com melhor acesso ao emprego. No futuro, quem não souber ler e escrever e, depois, quem não souber usar computador não vai ter possibilidade de ocupação. É por isso que o Ministério da Educação fez esse grande esforço. Nós ainda temos, aqui foi dito, professores que não sabem ensinar porque eles próprios não passaram pela escola. Deve haver uns 20% de professores, eu não sei quantos, pouco menos, que são chamados professores leigos, quer dizer, professores que não passaram pela escola formal. Há professores no Nordeste, sobretudo, e Norte cujo salário é 50 reais.

Então, por isso nós aprovamos no Congresso uma coisa muito importante, que foi o Plano de Valorização do Professor, para poder distribuir um pouco mais o recurso. Isso, claro, não afeta o professor que está no Sul; mas, para o professor que está lá no interior, em vez de ganhar 50 reais ganhar 150 reais é multiplicar por três. Para nós isso parece assustador, porque 150 reais é muito pouco. Mas para quem está ganhando 50 reais significa multiplicar por três. Isso está começando agora, em janeiro, com muita briga: levamos anos para conseguir que o Congresso aprovasse essa medida, com muita oposição no Legislativo – e, também, com muita oposição de governadores, por causa da distribuição dos recursos, não é?

É tudo difícil, mas está começando a avançar. De modo que acho muito importante que a gente continue nessa linha. Eu conheço o tra-

balho do Geempa, por isso nós o estamos apoiando. É importante, é importante que se faça um ensino que tenha efeito. E aqui foi dito o essencial. Se o professor não sabe ensinar, não tiver gosto pelo ensino, não adianta, não vai aprender. Eu fui professor a minha vida toda; aliás, eu gosto até hoje é disso, não é? No fundo, no fundo, a questão do ensino é a relação do professor com o aluno. Não é a sala bonita, não o instrumento para ensinar: é uma relação direta do professor com o aluno, uma motivação e uma relação na qual o professor aprende com o aluno também. Na verdade o professor também aprende com o aluno. No caso de vocês, aprende muito. Aprende a experiência de vida que vocês têm, e a maioria dos professores não passaram por essas mesmas dificuldades, não sabem o que significa o esforço para chegar, num dado momento, a poder ler e escrever.

De modo que só tenho que felicitá-los e dizer que, no que depender de nós, no que pudermos ajudar, nesses processos de extensão, de alfabetização, nós o faremos. Existem vários movimentos nessa direção. Aqui foi dita pelo Professor Caon uma coisa importante: é preciso que haja conhecimento técnico. A Deputada Esther sabe que eu tenho uma filha que trabalha exatamente nessa área, e, portanto, eu acompanho o que posso, até mesmo no que diz respeito aos aspectos, digamos, da didática, da psicologia do ensino. Se bem, que no caso dela, é mais para criança do que para adulto. Mas eu acho que o Brasil não pode perder este rumo, que é o rumo da alfabetização, o rumo de entender que nós só vamos ser um país realmente democrático, realmente mais igualitário – nós somos muito desiguais – no momento em que tivermos o conjunto da nossa população com essa capacidade mínima de poder ler e escrever. Se começa a ler e escrever, o resto vai: depois, a gente aprende até sozinho. A maior parte do que se aprende, hoje em dia, e, mesmo, sempre foi assim, é tendo uma base. A gente pode avançar com a convivência, com o contato e até mesmo através de mecanismos não formais de ensino. Mas, não tendo essa base, não tem jeito.

Vocês ganharam essa base. Parabéns.

